



Quinzenario pedagogico, literario e scientifico

ORGÃO DAS NORMALISTAS DE LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Comércio, 34, 3.º

Não se restituem os autografos

DIRECTORA: IRENE VIEIRA LISBOA

REDACTORAS GERENTES

ALICE BARBOSA E OEIRAS
DULCE DE SOUSA FARIA

Propriedade da Empreza da **EDUCAÇÃO FEMININA**

EDITORA: ILDA MOREIRA

Composição e impressão na tipografia A NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria, 40 — Avenida — Lisboa

EXPEDIENTE

Consideram-se assinantes as pessoas a quem enviamos o nosso jornal e que o não devolveram alada.

E de todos nossos Ex. mos assinantes que ainda não satisfizeram as suas assinaturas, rogavamos o especial obséquio de no-las enviarem em e tampilhas dentro de carta fechada para a nossa redacção.

Ap ovelitando o espaço e a ocasião agradecemos muito penhoradas a todos os Ex. mos assinantes que já pagaram.

A mulher portuguesa e o trabalho

Quando saio raramente reparo nos pequeninos acontecimentos da rua que, não obstante a sua futilidade aparente, dariam logar a profundos estudos a quem os observasse com atenção. No meu cerebro existe continuamente em tumulto uma tal variedade de ideias, originadas dos acontecimentos que tem comigo relação directa ou indirecta, que eu só com muito esforço consigo subtrair o espirito a esses pensamentos para me ocupar do que se passa em volta de mim.

Naquele dia contudo, mais observadora ou talvez mais frivola que de costume, colloquei de parte as minhas apreensões e procurei interessar-me por esses *nadas*, que ás vezes significam muito.

Eram pouco mais de 3 horas da tarde.

Um grupo de normalistas que certamente voltava da Escola, subia a rua Luiz de Camões, cada uma de livros na mão, conversando amigavelmente. Lastimavam o trabalho a que nessa tarde as submetia a preparação da lição para o dia seguinte; falavam de ponto escrito de matematica—não sem um leve gesto de terror—mas sorridentes, animosas, depositando confiança plena num futuro que o trabalho lhes iria garantir.

Em sentido contrario ás normalistas caminhavam duas senhoras, ainda novas, bonitas, luxuosamente vestidas e no requinte da moda. Impressionou-me intensamente o ar de zombaria com que essas senhoras olhavam para as estudantes e magoaram-me sobretudo os risinhos e olhares insolentes com que as minosearam quando passaram junto delas.

E de novo me engolfei em reflexões; bem tristes desta vez, porque a imaginação me surgiu o estado em que a mulher portuguesa se encontra no que se refere ao trabalho e ao estudo. E' dolorosa de confessar esta verdade: a mulher portuguesa envergonha-se de trabalhar!

Ha talvez quem por influencia do meio ex-

cepcional em que vive julgue inexacta a minha afirmação, mas a maior parte poderá confirmar a veracidade das minhas palavras.

Sabemos muito bem qual a educação recebida pelas meninas que se presam: umas noções do francez necessario para decifrar os figurinos franceses, um pouco de piano para fazer vista e a pragmatica enfatuada das salas. E isto sucede não só em Lisboa mas em Portugal inteiro. Lancemos um olhar sobre a provincia e informemo-nos da educação recebida, não pelas raparigas do campo, nem por aquellas que se entregam a trabalhos grosseiros, porque essas não receberam educação alguma, o que não admira, visto não possuirem os meios necessarios para isso. Não nos detenhámos tambem sobre as que teem fortuna, essas não precisam de trabalhar; aprenderam no collegio ou receberam da professora particular—porque não descem a nivelar-se com as filhas do povo que frequentam a escola oficial—uma educação completamente falsa, e vivem tranquilamente porque o dote é a garantia dum casamento proveitoso. E não cometamos o erro de lhes falar em prepararem-se para exercer uma profissão; julgar-nos hão gracejando. Mas, occupemo nos das outras, das que não teem fortuna nem se empregam em trabalhos grosseiros, das filhas dos empregados publicos, por exemplo: essas porque se não habilitarão a manter uma existencia independente?

E' isto que elas acham vergonhoso! Pretendem imitar as que são ricas, e mais tarde quasi sempre se arrependem do desprezo com que encararam a instrução e o trabalho.

Quanto e quanto trabalho moral está reservado para a professora futura! Dela depende mais do que de ninguem a formação duma sociedade isenta de preconceitos. Mais do que ninguem ella poderá insinuar-se no animo dos pais dos alunos, induzindo-os a dar a seus filhos uma educação mais livre e sobretudo mais sensata.

Dagmar Ferreira

A dor de te perder, quando tu me fugiste, Deixou-me em vez d'um odio uma saudade triste!

Julio Dantas

De Antonio Feijó

O AMOR E O TEMPO

Pela montanha alcantilada Todos quatro em alegre companhia, O Amor, o Tempo, a minha Amada E eu, subiamos um dia.

Da minha Amada no gentil semblan'e Já se viam indicios de cansaço; O Amor passara nos adiante, E, com o Tempo, acelerava o passo.

—«Amor! Amor, mais devagar! Não corras tanto assim, que tão ligeira Não pôde certeza caminhar A minha doce companheira!»

Subito o Amor e o Tempo, combinados. Abrem as azas tremulas ao vento... —«Porque voaes assim tão apressado? Onde vos dirigis?» Nesse momento,

Volta-se o Amor e diz com azedume: — Tende paciencia, amigos meus! Eu sempre tive este costume De fugir com o tempo... Adeus! Adeus!...

De Abél Botelho.

A mulher! Já pensaram bem no misterio, na illusão, no insondavel poema de graça, de esperanza e de ternura que se encerra nesta palavra sonora e breve?... palavra que por si mesma é como que duma côr e pronuncia distincta... palavra que, tomada no valor que eu lhe attribuo, reúne em si toda a razão que ha para vivermos, exprime quasi o inefável, o divino, o infinito!...

A verdade é que á mulher devemos o mais interno encanto moral da existencia; e que o coração da mulher é para nós, inalteravelmente, do berço ao tumulo, o unico amparo solido e santo, a mais liberalisadora, a mais adorável fonte de luz, de amor, de felicidade.

Gralhas

No artigo *Um crepusculo na praia* do numero antecedente, houve umas emissões de palavras que lhe estragaram alguns periodos.

— Assim, onde se lê: Rindo com as gargalhadas das aves mais alegres, com as tristezas das mais tristes, etc;

— deverá lêr-se: Rindo com as gargalhadas das aves mais alegres, chorando com as tristezas, etc...

— E no ultimo periodo onde se lê: lá ia desenhando as suas curvas fantasiosas;

— deve lêr-se: lá ia desenhando na areia as suas curvas fantasiosas.

Recordando...

(Notas d'uma excursão)

Saudosas são estas recordações que levamos da mocidade; preciosos sacrario de alegrias e desventuras, onde os gelos da velhice irão procurar consolador abrigo.

E um dia, quando trémulas vélhinhas repousarmos o amortecido olhar nos de-graus do passado, como nos hão-de sorrir de lá, de muito longe, essas rememorações destes fugitivos dias de liberdade!

Tres dias só! passados em Coimbra e Bussaco, — mas tantos foram, para que na nossa alma ficasse gravada essa data de inolvidavel encanto.

Ab! essa Coimbra é bem a cidade das velhas tradições, a terra do sonho e da poesia.

Debruçada sobre o Mondego a escutar lhe os magoados quixumes ou acalmado lbes as furias impetuosas, é ella tambem que de quando em quando o afaga e perfuma com toda a fragancia que se evola dos seus canteiros ridentes.

Deixando Coimbra com todas as suas galas e apraziveis louçanias, e voltendo os olhos para o grandioso Bussaco, o espectáculo é bem mais belo, talvez.

A formosa mata com os seus fetos e avencas de magestosa arrogancia, e o musgo e a hera enlaçando se naqueles troncos seculares, como que abafam os clamores da agreste nortada, ou embebem lentamente as preciosas perolas, que a merencorea lua destila do seu manto constelado.

A's vezes o vento enfurecido afasta e entrechoca as arvores com hórrido fragor, as folhas caem magoadas e lá vão pelas escarpas a contorcer se numa agonia de morte.

Se subirmos a encosta, logo vamos dar com o singelo obelisco de pedra, destacando-se do vasto tapete de verdura e dominando sobre o ceo um panorama grandioso. Ao fundo vastos laranjais, mais além oliveiras e platanos graciosos, em redor freixos e carvalhos; quem sabe, se outr'ora tisnados pelo fogo da metralha! e que encerrem no âmago o segredo tragico das lutas que presenciaram! — Mas se nos elevarmos ao ponto mais elevado da serra, até á Cruz Alta, ó maravilha! a paisagem é mais soberba ainda.

O horizonte é vastissimo, o ceo de tintas apagadas parece extinguir-se nas sinuosidades da serra, a branca casaria alveja por entre a espessura do arvoredó; ao fundo a altiva serra da Estrela, depois Caramulo, Louzã, e toda essa cordilheira se estende até ir áleno espregitar o oceano. E que te diz ele, monstro de pedra informe e arrogante?

Que te conta nos seus brandos suspiros ou no desdobrar arquejante das suas vagas?

Tu não respondes e o resto tudo é silencio e paz, mas, caso extranho, ha frémitos d'amor no estremecer da agua, sublis arpejos no gorgoio das aves; e, nas azas da viração vem suspenso um beijo de saudosa despedida...

Lucinda Dias

DE EUGENIO DE CASTRO

Que inveja tenho da briza, Que afaga, sem se prender... Não conhece a desventura Dos corações de mulher!

A Escola

Sua acção sobre o educando

Disse, no artigo precedente, qual a missão construtora da Escola. Mas desempenha-se ella dessa missão? atinge aquilo a que se propõe? tem, em si propria, uma orientação bem definida? não.

A Escola actual—em que pese aos que teem a doce illusão de que ella é boa—não consegue nada do que a fez necessaria.

A Escola actual é um logar de castigo. Parece

exagero, mas é assim. A criança não se sente bem na escola: cheia de natural vivacidade, aí coibem-lhe toda esta vivacidade, que ha de por força trocar por uma sizudez que lhe não é propria.

D'ali a repugnancia que tem em a frequentar e o desejo ansioso de fugir para o ar livre e gosar—ajuda que esse goso lhe seja prejudicial. E isto explica-se bem. Apesar de corresponder a uma necessidade real e palpavel,—a qual é a de corrigir num unico, os variados e opostos meios educativos—a Escola é tudo quanto ha de mais artificial—e a criança está intimamente ligada a natureza!

Preparar num ambito estreitissimo os espiritos avidos, que depois não de achar-se num meio vasto, que reveste multiplos aspectos, é, evidentemente um contrasenso. E contrasenso tanto mais para lamentar, quanto é certo que, atualmente, temos de o praticar, apesar de o reconhecermos.

O educador acha-se em face deste dilema: deixar a criança entregue á sociedade,—que, fatalmente a aniquilará—ou encerra-la num meio acanhadissimo e incompleto, que é a Escola,—onde, fatalmente, se definhará. Porque—não tenhamos ilusões!—a Escola, tal como existe, em muito pouco influe na educação do individuo; lança—quando muito—uma perturbação no seu espirito, pelo contraste que apresenta com o meio exterior.

O dilema não é de facil solução. Para o resolver ter-se-ia de modificar qualquer dos meios, que estão intimamente ligados: a sociedade ou a escola.—O que se não faz senão lentamente e com dificuldade.

É um verdadeiro circulo vicioso: para modificar a sociedade é preciso melhorar a escola como factor educativo; para melhorar a escola é necessario modificar a sociedade, como meio determinante. Mas se estivermos toda a vida—como o burro de Buridan—á olhar para este intrincado caso, os seculos correrão e tudo ficará como dantes. É preciso optar: optemos pela Escola, modifiquemo-la, façamos que ela seja um principio activo, capaz de produzir uma revolução no nosso meio... carunchoso!—vá lá, para lhe não chamar pôdre!—

Ora é precisamente isso, o que a nossa escola não é: um principio activo! Artificial como é, artificial se deixou ficar. Ainda que me caiam em cima todos os raios da colera... professoral, chamar-lhe ei: *logar de castigo*, que aborrece em lugar de atrair, que atemorisa em vez de animar.

Que é a criança ao sair da escola? que sabe? que aptidões desenvolveu? que argucia, que destreza, que faculdades de raciocinio e de vontade traz? que sentimentos são os seus?

Aproximadamente, a criança é o que é o meio ambiente a que a queriamos furtar! talvez modificada, sim, mas para peor. Traz consigo uma certa dose de hipocrisia, porque o *logar de castigo* a inibiu de se mostrar tal qual era; tráz maus costumes, que adquiriu na convivencia com os mil temperamentos dos condiscipulos; traz um desconhecimento profundo do que sejam os fenomenos da natureza onde tem de desempenhar o seu papel. Mas em compensação, traz uns conhecimentos muito interessantes e uteis de gramatica, sintaxe, historia patria, prova dos nove... que sei eu? mil coisas mirabolantes que arquivam num cantinho do cervello até criar... baffo. E, passados seis meses, quer escrever uma carta a

um amigo e escreve... uma avalanche de asneiras; lê um jornal e entende... justamente o contrario do que ele diz. Isto acontece a todos os instantes. Claro está que me refiro ás classes pobres, que apesar de irem á escola, permanecem ignorantes. Os outros se ficam ignorantes não sei; mas lá vão para os liceus e universidades, dar completa prova da sua incapacidade mental... e do que eu afirmo aqui.

«Catilnarias!» Dizem as estimadas leitoras. «Verdades!» digo eu! Se a acção da escola é proficua porque é que a mentalidade das gerações se mantém, como dantes, na sua inalteravel estupidez?

Se entre nós aparece uma intelligencia—é um raio de luz que nos deslumbra e perante o qual nos quedamos submissos: prova evidente de que não estamos habituadss a olhar essa luz.

No geral, o homem que saiu da escola primaria, com a competente carta, tem tanta lucidez de espirito como o seu colega: o ignorante. O 2.º grau—como pomposamente lhe chamam—influe tanto na sua cerebração que se julga um rei—perdão! um presidente!—entre os outros. Coitado! se formos a ver, a sua mentalidade é tacanha, o seu arrojo diminuto, a seu modo de ver e pensar regulado exclusivamente pelo que os outros pensam ou veem; se pensa por si só—como tem que acontecer, ás vezes, aos regedores de aldeia,—sai *calinada!*

¿Donde provém isto? Provém de que na Escola se lhe falou ao raciocinio quando se devia falar ao sentimento; e se falou ao sentimento quando se devia falar ao raciocinio. Para melhor dizer: fez-se uma mistura destas duas coisas, applicou-se-lhe um tratamento geral e uniforme, e considerou-se a criança como se fosse um adulto.

Toda a gente sabe que *cada cabeça, cada sentença*; é porque cada individuo, é como él. Pois a escola entende ao contrario da «sabedoria das nações» e parece que entende muito bem...

Ao entrar na escola a criança sugueita-se ao celebre distico do Dante: *hasciate ogni speranza!*... O lugar de castigo diz-lhe que, qualquer que seja o seu temperamento, se deve sugar a disciplina; querer e aceitar como bom o que o mestre disser—o *magister dixit*, terminou, mas nas escolas superiores!—abafar em si os impetos naturais, que o pouco que traz da natureza lhe provoca; rir, quando for permitido; correr, não quando os nervos e os musculos lh'o peçam, mas quando for hora do recreio; abster-se de perguntas inoportunas, que perturbem o trabalho do mestre... e o silencio da sala; numa palavra: domar a sua personalidade, apaga-la, tornar-se insignificante, a ponto de não incomodar os que a cercam.

Eu sei que ha professores que não procedem assim! ha mas profs que caem as coleras celestes... perdão!—*inspectoriaes!* e a folha de serviço no fim do ano, acusa os, implacavel, de maus mantenedores da disciplina, e até—sei lá—de pedreiros livres, petroleiros... nem sei que mais!

A Escola que eu visioo não é assim. A escola que ha-de educar e ensinar, com a promessa de um futuro melhor, é outra. Nessa respeita-se a criança, desenvolve-se e aperfei-

çoa-se-lhe o espirito de observação e de critica.

Nessa ha de haver uma acção benéfica que produza a desejada *unidade mora.* ¿É possível presentemente, essa acção? É o que verei no terceiro artigo desta serie, analisando mais detalhadamente a *orientação* a seguir na Escola, a Pedagogia teorica e a sua applicação pratica.

Antonio Luis Filipe
(Da Escola Normal de Lisboa)

Beijos

Beijos que são? Duas vidas,
São duas almas unidas
Que o mesmo fogo consume.
São laço estreito de amores;
Porque são os labios flores
De que os beijos são perfume.

Gonçalves Dias

EM FÓCO

Ha curiosidades dignas de verdadeira atenção nesta escola; a par de velharias cronicas e bo'orientas, como a formiga branca do Calvario, que está em exposição no museu, afim de atrair forasteiros á capital, tão interessante e tão falado é o desgraçado insecto, surgiram agora com a primavera umas novidades fantasticas: os chapéus novos das nossas colegas. Oportunamente indicaremos o dia em que tão interessantes monumentos se expõem á curiosidade do publico.

* Julgo que a cidade anda agora infestada dos peores malfetores, visto as nossas previdentes colegas não dispensarem guarda assidua, até no caminho da Escola!

* Para satisfazer o capricho duma brilhante fantasista, a Padaria Inglesa vae passar a fazer uns bolinhos de *ginger-beer* cristalisada...

* Precisa-se dum *pedreiro*—*explicador* para rachar a mais resistente das cabeças afim de lhe introduzir lá algumas grammas de ciencia. O preço que não chegue a 9:000 reis... Prefere-se quem tenha relações com algum professor de cá...

* —Então porque não continuas o curso?
—Porque arranjei um noivinho tão engraçadinho, tão *mignonsinho*, que todos os cuidados são poucos para a conservação d'aquella flor de estufa.

A uma boca

A Fagundes, o primor...
o outro dia, vão lá vendo;
—por abrir a rosea boca
houve um pânico estupendo!

—E' o inferno, gritava uma!
—Houve sustos, correrias...

Levantado auto do caso,
apurou-se que tu sorrisas...

O mineiro contou-me minuciosamente a dificuldade que havia em encontrar os diamantes.

Era um rapaz ainda novo, mas o ar da mina inutilisara-o quasi completamente: palido e macilento, as olheiras profundas, o corpo dobrado, parecia um morto. Voltei para traz, acompanhando-o. Quando saímos da mina cortejou-me e desapareceu.

E eu, tornando por um caminho orlado de ciprestes, pensei comigo:

—Esse pobre rapaz é mais feliz do que eu; lida sem cessar, suicida-se lentamente em galerias humidas da mina, mas, em compensação, encontra de quando em quando um diamante precioso, cujo fulgor ilumina os seus olhos mortifcos e eucovados: e eu, ao contrario, vou me tambem suicidando lentamente debaixo da tua janela, mas uunca vejo os teus olhos, esses dois diamantes pretos, ó minha bem-amada!

Calei-me. Continuei a seguir ao longo desse caminho orlado de ciprestes. De subito vi um grande portão de ferro. Aproximei-me: era um cemiterio. Encostei-me a um jazigo de marmore em forma de capela.

Perto de mim, o coveiro, um velho epectral e sinistro, abria uma cova. Ao vê-lo tão

Remeniscencias de Coimbra...

Como elas se armam...
Ela — O senhor parece que não quer vêr o amor que estou farta de lhe oferecer.

Ele — Que equivoco, minha, senhora, V. Ex.ª é que parece negar se a compreender a minha recusa...

* O cumulo do poder:
Fazer saltar uma ave... de fricassé!

* Sabes? estou apaixonado!
Não sabia mas suspeitava... eu sou forte em calculos matematico — psicologicos.

* Gostas de queijo?
Só se fór pescado a anzol!...

* Quem inventou a partida.
Não sabia o que era amor...

OS ATRACTIVOS DA NATUREZA

Todos nós temos uma inclinação natural pela vida do campo.

Longe do ruido das cidades e dos prazeres ficticios que a vã e tumultuosa sociedade nos pode proporcionar, com que prazer, vivamente sentido, vamos ali respirar o ar saudavel, a liberdade e a paz! Prepara-se um espectáculo mil vezes mais interessante que todos aquêles que a arte inventa a todo o momento para nos distrair.

Do cume da montanha que limita o horizonte, o astro do dia ergue-se radioso e fulgurante, qual opulento senhor em suas purpuras realengas.

O silencio da noite só é interrompido pelo canto lamentoso e terno do rouxinol, ou pelo zêfiro ligeiro que murmura na folhagem, ou ainda pelo confuso murmuro do regato que rola nas campinas as suas aguas cintilantes.

—Vêde essas colinas libertarem-se de mansinho das das dobras do purpurino veu que as envolve furtivamente; essas searas docemente agitadas balouçarem-se ao longe sob diversas matises; esses castelos, esses bosques, essas choupanas, primorosamente agrupadas, elevarem-se no seio dos vapores, ou desenharem se em traços ondulantes no vago azulado dos ares!

—O camponês desperta. E enquanto a sua robusta companheira deita num grosseiro cantaro o leite dos seus rebanhas, lá anda o filho da terra a abrir alegremente um sulco fundo com a charrua, ou, empunhando a fouce, a mandar a ceara, a podar o arbusto cujos saborosos frutos são para vós.

O sol entretanto avança inflamado na sua carreira; como uma vaga imensa, rola e precipita se na garganta solitaria das agua da torrente; o vento refresca, o ar purifica se; um abundante orvalho cae em perolas argenteas sobre o veludo das flores ou dissolve se em fálhas na recente verdura.

Que praser suavissimo e que comoção deliciosa se vos apossa da alma!

Que frescura adorável penetra então nos vossos sentidos!

Como são consoladores e puros os pensa-

embebido na sua tarefa, murmurei baixinho: Esse pobre coveiro é mais feliz do que eu: passa a vida enterrando os velhos e as crianças, friamente, corajosamente; eu, ao contrario, esforço-me em abrir uma grande cova, gasto neste trabalho todas as minhas forças, mas não consigo sepultar este amor, este perdido amor que me devora!

Calei-me. Voltei a cabeça e vi uma creança loira, uma rapariga dos seus quinze anos, ajoelhada em frente dum jazigo. Era uma creança enamorada que vinha chorar o seu noivo, o seu lindo noivo, que morrera.

De quando em quando a pobre creança colava os labios desbotados á pedra do mausoleu e dizia umas palavras entrecortadas de soluços, e lá de dentro respondia-lhe uma doce voz acariciadora: era o seu noivo, o seu noivo morto que lhe respondia.

E ouvindo esse dialogo pensei comigo:

—Essa rapariga é mais feliz do que eu: morreu-lhe o noivo, e em noites de luar vem conversar com ele; que lhe responde: mas eu chamo por ti, constantemente, e nunca tenho resposta, meu amor, meu amor!

FOLHETIM N.º 3

DE EUGENIO DE CASTRO

Noite de Maio

Noite de maio: Mãos nos bolsos, olhos em terra, acabrunhado e entristecido, fui seguindo á beira do mar, pela areia, ouvindo a litania ritmada das ondas, que se partiam arquejantes e doloridas.

Lá em cima, na concha do azul, o formigueiro dos astros tinha estremecimentos de luz; e as nuvens, alastrando-se, movendo-se, ora davam a silhueta duma esfinge, ora se transformavam dando a impressão dum perfil, ou o recorte fantastico dum palacio.

Eu continuava a seguir á beira do mar, contemplativo, abstracto. De repente, vi roçar pela praia um pequeno batel. Dentro desse batel vinha um homem corpulento e vigoroso, que desembarcou junto dum grande rochedo.

Aproximei-me e disse lhe não sei o quê. Ele

respondeu-me cortésmente e disse-me que era pescador de perolas: contou-me as suas maguas, a dureza da sua vida, e ao despedir-se de mim, mostrou-me uma perola negra, uma riquissima joia que faria inveja ás celebradas joias do tesouro.

O homem afastou-se. E eu, continuando a seguir á beira das aguas, pensei comigo:

—Esse pescador é mais feliz do que eu: trabalha constantemente, entregando a vida aos caprichos do mar, mas ao cabo dos seus labores consegue encontrar a pérola valiosa: eu ao contrario, trabalho, luto, sem descanso, sem treguas, e não encontro nunca essa almejada pérola do amor!

Calei-me. Fui-me afastando da praia e dirigi-me para um monte que havia perto. Começava a subir a pequena verêde tortuosa, quando dei com uma fenda escura e profunda, aberta no solo.

Entrei: era uma mina de diamantes. Fui ca minhando ao longo da estreita galeria onde pairava uma friesa glacial, quando vi tremeluzir ao longe uma pequena luz avermelhada, que se aproximava de mim: era a lanterna dum mineiro, que acabára o seu trabalho e recolhia para casa, morto de fadiga.

mentos da manhã! Como embelesam o sonho melancólico da vida! Abandonados às suas doces ilusões, quão fácil nos é esquecer os tristes projectos da grandesa, os vãos regosijos da gloria, o desprezo do mundo e a sua fria injustiça!

Ainda não reflectimos bastante na influencia prodigiosa que a natureza exerce nas nossas almas, apesar da espantosa diversidade dos gostos e da profunda desmoralisação das inclinações.

Não sei, mas parece-me que no campo, a nossa sensibilidade se torna menos orgulhosa e mais viva; que nós ali amamos os nossos amigos com mais lealdade e somos mais ternos para a companheira ou o companheiro dos nossos dias; que o recreio dos nossos filhos nos interessa mais; que até dos nossos inimigos falamos com menos rancor e da fortuna com mais indiferença!

Será respirando o vapor embalsamado da noite, passeando à luz tranquila e suave da lua, que se pode urdir um trama perfido ou meditar tristes vinganças?

Este berço que as vossas mãos plantaram, onde a madresilva, jasmim e rosa entrelaçam os seus caules perfumados, não o ornamentastes vós com tanto disvelo só para vos desembaraçardes dos terríveis sonhos da ambição? — Nessa bembita solidão campesina que vossos pais teem habitado, nesse asilo dos bons costumes, da confiança e da paz, que vos importam os frivolos discursos dos homens, as suas caluniosas intrigas, o seu odio e as suas promessas enganosas? Que impressão pôde, ainda, fazer sobre o vosso espirito, a narração importuna dos seus erros e dos seus crimes?

Tudo isto vos dará a imagem dum ribombo de trovão rolando-se nas nuvens acastelados do final dum dia tempestuoso, tudo isso vos ferirá tão agradavelmente os sentidos como o cachoar duma torrente impetuosa em terra selvagem e agreste.

Bergane.

Tradução de Luiza E. da Silva.

Trovas

Boca que nunca mentiu
tem a pureza divina,
a candidez da bonina
que vermê algum poluiu.
E a frescura do rócio
que orvalha, cedo, a campina,
tem-na, a boca pequenina,
Boca que nunca mentiu!

Essa abobada infinita
nada para mim encerra...
— Se não ha estrelas no ceu,
como ha de havê las na terra?

Na terra é tudo perverso,
tudo falaz, que sei eu...
— se não ha anjos na terra,
como ha de havê-los no ceu?

Maio. 1913.

FLIP

Voltei um olhar de mocidade para o futuro,
e vereis que tudo é lindo e tentador...

MARIA ALICE.

SECÇÃO HUMORISTICA

Em frase

Vejo uma planta por um óculo, uma embarcação.—1-2

Truncada

Perto da cosinha está uma boa capa.—2.

Paronimo

Uma senhora muito delicada deu-me duas peças de fazenda.—2.

Metamoforse

Em Marrocos ha boa resina.—1 (F. P.)

Dinóra.

Acrostico

A Nazaré

F...
E...
L...
I...
C...
I...
D...
A...
D...
E...
S...

Maçadas geographicas

Formar o nome duma terra portugueza com as letras da seguinte:

TROPA ERGEL

Frases e ruas

Formar o nome duma via publica de Lisboa com as letras da seguinte frase:

AMA POR SUAS LENOS

Ocirema.

Acrostico

...O...
...S...
...L...
...U...
...Z...
...I...
...A...
...D...
...A...
...S...

=(Poetas nossos)

Combinada

1.^a + to = apelido
2.^a + barão = peixe
3.^a + lo = insecto

=(arte)

Formar o nome duma terra portugueza com as letras que entram na palavra GORILA.

Qual é a terra portugueza que cósé?!

Qual é o nome da cidade portugueza que se escreve com as letras da palavra LABIOS?

Qual o nome da cidade portugueza que se forma com as letras da palavra GALOS?

E'raçan

A nossa correspondencia

O sr. Esoj Semog tem pouco que fazer, com certeza!

Ainda esta vez lhe recusamos as suas sátiras e recomendamos-lhe mais contemplação para com as normalistas...

—Ilustre A. E. I. O. U.:

Não vale a pena gastar tanto diminutivo com uma coisa de tão pouco valor!

E seria bom não falar sem meditação...

Bastava ler com um pouquinho de atenção o artigo inicial do nosso primeiro numero para ver que nós temos a franqueza como um guia ou como um mestre, e por isso a lisonja que tanto agrada no jornalismo nos é vedada.

—A *Uma Assinante amiga*:

Agradecemos-lhe o favor da sua atenção dispensada com os nossos artigos, e ja que pretende emular o Candido Figueiredo nas suas rectificações linguisticas, será bom marchar com o progresso e pôr de parte essa ortografia arcaica!

—Pedimos ao Ex.^{mo} Sr. Rodrigues Mendes, do Funchal, que nos desculpe a omissão do seu artigo neste numero da *Educação Feminina*, mas a isso nos obriga a absoluta falta de espaço.

DIVERSAS

Foram tão cativantes, tão amáveis e elogiosas as palavras de referencia que para nós teve o jornal *A Luta*, que não podemos deixar de lhe agradecer em especial tamanha gentileza e bondade.

Aqui gravamos pois os nossos protestos de gratidão e reconhecimento.

—Egualmente agradecemos a todos os outros jornaes que tiveram a gentileza de annunciar a nossa vinda a este mundo jornalístico e nos desejaram prosperidades.

—Foi recebido nesta redacção o importante jornal *Diario da Tarde* que iniciou a sua publicação ha pouco tempo. É um belo jornal de politica independente, introduzindo nas suas colunas alguns mimos de literatura, que quebram aquella rigidez peculiar dos jornaes politicos.

Agradecendo a amável visita, o nosso jornaesinho ergue a sua voz debil numa saudação viva e sincera ao novo e esperançoso *Diario*.

—Foram igualmente recebidos nesta redacção os jornaes: a *Humanidade* e *Os Novos*.

Superfluas seriam as nossas paavras revelando o caracter do primeiro destes jornaes, cujos fins são dignos do maior louvor e respeito.

A revista dos Novos é um jornal Académico de boa apresentação e alguns artiguinhos interessantes.

Simplemente observamos ao seu director que tome sentido na escolha dos seus redactores, para nunca mais sair um artigo como de *Uma Ideia*, que tira ao seu gracioso órgão aquele ar de modéstia que inspira a simpatia.

Aos dois referidos jornaes os nossos agradecimentos pela permuta.

—Já depois de redigida esta secção se receberam na nossa redacção os jornaes: o *Futuro* e *A. E. I. O. U.*

Aos dois, mil e sinceros agradecimentos pela visita.

—Deve sair no proximo numero a noticia que diz respeito ás ultimas conferencias pedagogicas de que ainda não falamos.

—Consta nos que brevemente se realizará

nesta Escola uma sessão soléne ondê serão lidos os melhores relatorios da excursão dos terceiranistas a Coimbra.

—Em virtude dum pequeno contratempo não vem na secção do costume um contosinho inedito da amável colaboração das nossas colegas, mas para o leitor não estranhar, apresentamos-lhe um adorável conto de Eugénio de Castro, não lhe desagradando por certo a troca...

Obsequiosa noticia

Assim chamamos á que, *A Defesa de Luso*, semanario republicano daquela localidade, con sagrou á excursão das terceiranistas desta escola.

Foram delicadissimas as palavras de referencia que ele teve para o curso, pormenorizando com uma paciencia verdadeiramente apreciavel as visitas e os passeios das nossas colegas por Coimbra e arredores.

Dignos de nota são igualmente os rasgados elogios que ele dispensa ao nosso Director, aquilatando bem o seu caracter e a sua intelligencia.

E por todas as suas amabilidades e atenções a *Educação Feminina*, como órgão desta Escola, apresenta-lhe em nome de todos os professores e alunos os mais sinceros agradecimentos.

Agradecimento

É profundamente penhorada que a *Educação Feminina* agradece o prestavel auxilio dos annuncios angariados pela amabilidade e favor dos Ex.^{mos} Srs. Agostinho Estrela e Carlos Cesar dos Santos.

Saudade—biblia d'alma,
dum peito amargurado...
—Um verbo, cujo presente
é todo o nosso passado!

A POLICOMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a E

LISBOA

Papelaria, livraria, tipografia, encadernação, estereotipia e fabrica de carimbos de borracha

O maior estabelecimento do seu genero, no bairro. Trabalhos de luxo e simples.

Especialidade em trabalhos para artistas teatraes

Manda tomar e entregar encomendas a casa dos clientes

TELEFONE 3362

PARIS EM ALCANTARA

Fazendas, Modas, Confecções, Luvaria

Gravataria, Camisaria,

Betrozeiro e Alfayateria

Enorme sortimento em artigos para bordados, a matiz e a branco

GONZAGA & SOUZA, SUCCESSOR

Recebem-se todas as fazendas que sejam vendidas n'esta casa logo que o freguez prove NÃO SEREM mais baratas e melhores do que n'outro qualquer estabelecimento

44, RUA DO LIVRAMENTO, 46

(Em frente da Pharmacia Drack & Bairrão)

LISBOA

Agua medicinal nacional e estrangeira

VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO

Succedaneo do Oleo de Figados de Bacalhau

Grande sortimento de fundas para homens, senhoras e creanças, borrachas, cintos umbilicæes e abdominaes, suspensorios, irrigadores diversos, pulverisadores tira-leites, seringas, thermometros clinicos e vinho do Porto genuino.

Artigos de Perfumaria e de Hygiene vende-se na

Pharmacia Drack Bairrão

25, RUA DO LIVRAMENTO, 27

TELEPHONE 2902

Consultas medicas diarias

LIVROS DE ENSINO

Professor **ULYSSES MACHADO**

Calçada do Marquez d'Abrantes, 43-3.º - LISBOA

Caderno com 615 problemas e exercicios d'aritmética para a 2.ª classe, 6.ª edição, 70 réis.
 Dois cadernos com 1:706 problemas e exercicios d'aritmética, para a 3.ª e 4.ª classes, 25.ª e 12.ª edições, cada um, 120 réis.
 Três cadernos com 2:018 problemas e exercicios d'aritmética para as escolas normais, liceus, etc., 1.º, 2.º e 3.º anos, cada um, 180 réis.
 O autor oferece gratuitamente a todos os professores os livrinhos com os resultados correspondentes a cada caderno, quando lh'os peçam.
 Gramática ensinada pelos exemplos, para a escola primaria, illustrada com 117 gravuras, ao alcance de todas as intelligencias, 8.ª edição, cada exemplar cartonado 250 réis.
 Gramática Portuguesa oficialmente aprovada para as escolas normais e distritaes, um volume encadernado em percalina, 1.500 réis.
 Gramática Portuguesa aprovada oficialmente para o 2.º ano do curso secundario dos liceus; um volume encadernado em percalina, 450 réis.
 Gramática Portuguesa em harmonia os com programas do 1.º, 2.º e 3.º anos do curso secundario, 1 volume encadernado em percalina 600 réis.
 Aritmética pratica e geometria, illustradas com 100 gravuras, aprovadas oficialmente 4.ª edição, para o ensino primario, cartonada, 250 réis.
 Segundo livro de leitura, illustrado com 310 magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 2.ª e 3.ª classes (exame do 1.º grau), cartonado 400 rs.
 Terceiro livro de leitura profusamente illustrado com magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 4.ª classe (exame do 2.º grau), carton, 400 rs.
 Primeiro livro de leitura para a 1.ª classe, aprovado oficialmente illustrado com 140 magnificas gravuras, 120 réis.
 Noções de Versificação, em harmonia com os programas do ensino secundario, 100 réis.
 A venda nas principaes livrarias e no Depósito Geral em LISBOA—LIVRARIA RODRIGUES & C.ª, Rua do Ouro, 186 e 188.
 Aos srs. professores descontos de 10 p. c. e porté franco.

Obras para o ensino primario

POR **AUGUSTO LUIZ ZILHÃO**

Regente da Escola Central n.º 2 e professor interino da Escola Normal Feminina de Lisboa

Caderno de exercicios de aritmética para a 1.ª classe 50 réis
 Caderno de problemas e exercicios de aritmética para 3.ª e 4.ª classe 80 »

Caderno de problemas e exercicio de aritmética para 3.ª e 4.ª classe 100 réis
 Noções elementares de aritmética e geometria (oficialmente aprovadas) 250 »

O AUXILIAR DO PROFESSOR com o resultado dos problemas e mais exercicios dos cadernos e a indicação da operação que deve fazer-se nas resoluções dos problemas, GRATIS. Todas estas obras trazem já as alterações do sistema métrico e o novo sistema monetário,

A venda nas principaes livrarias

Descontos excepcionaes e porté franco aos professores e directores de colegios

O AUXILIAR DO PROFESSOR remete-se aos professores que se dirijam ao autor

Rua das Gaivotas, 8

"TERRA LIVRE,"

Semanario anarquista

(PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS)



Órgão de luta social e económica, de opposição a toda a especie de governo.

Tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade.

Unico jornal que pugna pela emancipação integral da mulher.

Colaboração dos mais avançados escritores portugueses e de alguns dos mais notaveis agitadores revolucionarios do estrangeiro.

* Ciencia * Sociologia
 * Arte * Educação
 * Literatura *
 * Critica *

A VENDA NA RUA,
 NOS QUIOSQUES
 E TABACARIAS

AGENTES
 EM TODO
 O PAÍS

PREÇO
 1 mez. 100 réis
 3 mezes 300 »
 6 » 500 »
 12 » \$ 100 »

Numero avulso 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua das Gaveas 55, 1.º

LISBOA

PAPELARIA E TIPOGRAFIA

DE

M. CORRÊA DOS SANTO

ARTIGOS DE ESCRITORIO E CANETAS COM TINTA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS

Especialidade em impressos para o commercio

Completo sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Livros de escrituração. Copiadores de cartas e facturas. Livros de letras a pagar e receber, etc.

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS (AS ULTIMAS NOVIDADES)

VENDEM-SE Facturas consulares brasileiras, Guias do Caminho de Ferro do Norte e Sul, Listas para inscrições e Telegramas.

10, RUA DA PRATA, 12—LISBOA

(PRIMEIRO QUARTEIRÃO VINDO DO T. DO PAÇO)

TELEFONE 3350

"Educação feminina,"

PREÇO D'ASSINATURA

Por 3 mezes 200 rs.

Por 6 mezes 400 rs.

(Pagamento adiantado)

Quinzenario das normalistas de Lisboa

Redacção e Administração, Rua do Comercio, 31, 3.º

Ex.ª Sr.ª *Biblioteca Nacional de Lisboa*